

O AMOR EM TEMPOS DE CÓLERA

Gabriel García Márquez

Era inevitável: o cheiro das amêndoas amargas recordava-lhe sempre o destino dos amores contrariados. O doutor Juvenal Urbino sentiu-o assim que entrou na casa, ainda mergulhada em penumbra, onde fora de urgência para tratar um caso que, para ele, já tinha deixado de ser urgente há muitos anos. O refugiado antilhano, Jeremiah de Saint-Amour, inválido de guerra, fotógrafo de crianças e o seu mais tolerante adversário de xadrez, tinha-se posto a salvo das inquietações da memória com um defumador de cianeto de ouro.

Encontrou o cadáver coberto com uma manta, no catre de campanha onde sempre dormira, ao lado de um tamborete onde estava a pequena tina que lhe tinha servido para vaporizar o veneno. No chão, preso aos pés do catre, o corpo estendido de um Grand-Danois negro de peito alvo e, junto dele, as muletas. O quarto, sufocante e caótico, que servia ao mesmo tempo de quarto de dormir e de laboratório, mal começava a iluminar-se com o resplendor do amanhecer na janela aberta, mas bastava essa luz para reconhecer imediatamente a autoridade da morte. As outras janelas, bem como qualquer fresta da divisão, estavam amordaçadas com trapos ou seladas com cartões negros, e isso aumentava a sua densidade opressiva. Havia um escaparate atulhado de frascos e boiões sem rótulos e duas tinas de peltre meio escacarado sob uma lâmpada vulgar coberta de papel vermelho. A terceira tina, a do líquido fixador, era a que estava ao lado do cadáver. Havia revistas e jornais velhos por toda a parte, pilhas de negativos em placas de vidro, móveis partidos, mas encontrava-se tudo preservado do pó por mãos diligentes. Ainda que o ar da janela tivesse purificado o recinto, ficava, porém, para quem o soubesse identificar, o cheiro morno a amores infelizes das amêndoas amargas. O doutor Juvenal Urbino tinha pensado mais de uma vez, sem intenção premonitória, que aquele não era um lugar propício para morrer na graça de Deus. Mas, com o tempo, acabou por supor que a sua desordem obedecia talvez a uma determinação cifrada da Divina Providência.

Tinham-se-lhe adiantado um comissário da Polícia e um estudante de Medicina muito jovem que fazia a sua prática forense no dispensário municipal, e foram eles que arejaram a sala e cobriram o cadáver enquanto o doutor Urbino não chegava. Ambos o cumprimentaram com uma solenidade que, desta feita, tinha mais de condolência que de veneração, pois ninguém ignorava o grau da sua amizade com Jeremiah de Saint-Amour. O eminente professor apertou a mão aos dois, como desde sempre o fazia a cada um dos seus alunos antes de iniciar a aula diária de Clínica Geral, e logo segurou na orla da manta com a ponta do indicador e do polegar, como se fosse uma flor, destapando o cadáver, palmo a palmo, com uma parcimónia sacramental. Estava completamente nu, hirtó e retorcido, com os olhos abertos, o corpo azul, e como se tivesse mais cinquenta anos que na noite

O AMOR EM TEMPOS DE CÓLERA

Gabriel García Márquez

anterior. Tinha as pupilas diáfanas, a barba e o cabelo amarelecidos e o ventre atravessado por uma cicatriz antiga, cosida com nós de embrulho. O tronco e os braços tinham a envergadura dos de um remador, devido ao esforço com as muletas, mas as pernas inermes pareciam as de um órfão. O doutor Juvenal Urbino contemplou-o durante um instante com o coração apertado como raras vezes naqueles seus longos anos de luta estéril contra a morte.

— Idiota — disse-lhe. — O pior já tinha passado.

Voltou a cobri-lo com a manta e recuperou a sua compostura académica. No ano anterior tinha celebrado os seus oitenta anos com um jubileu oficial de três dias, e, no discurso de agradecimento, resistiu mais uma vez à tentação de reformar-se. Dissera: «Terei tempo de sobra para descansar quando morrer, mas essa eventualidade não se encontra ainda nos meus projectos.» Ainda que ouvisse cada vez menos do ouvido direito e se apoiasse numa bengala com castão de prata para disfarçar a incerteza dos seus passos, continuava a usar com o garbo da mocidade o fato completo de linho com o colete atravessado pela corrente de ouro. A barba à Pasteur, nacarada, e o cabelo da mesma cor, muito bem penteado e de impecável risco ao meio, eram expressões fiéis do seu carácter. A erosão da memória, cada vez mais inquietante, compensava-a até onde lhe era possível com apontamentos rápidos em papelinhos soltos que acabavam por misturar-se em todos os bolsos, da mesma maneira que os instrumentos, os frascos de remédios e tantas outras coisas desarrumadas, na maleta atulhada. Não só era o médico mais antigo e esclarecido da cidade como também o mais sensato dos homens. No entanto, a sua sapiência demasiado ostensiva e o modo nada ingénuo como manobrava o poder do seu nome tinham-lhe valido menos afectos que os merecidos.

As instruções ao comissário e ao estudante foram rápidas e concisas. Não era preciso fazer autópsia. O cheiro da casa bastava para determinar que a causa da morte tinham sido as emanções do cianeto activado na tina por meio de qualquer ácido dos utilizados em fotografia, e Jeremiah de Saint-Amour sabia o suficiente do assunto para poder fazê-lo por acidente. Perante as reticências do comissário, deteve-o com uma estocada típica da sua maneira de ser: «Não se esqueça que sou eu quem assina a certidão de óbito.» O jovem médico ficou desiludido: nunca tinha tido a sorte de estudar os efeitos do cianeto de ouro num cadáver. O doutor Juvenal Urbino tinha-se surpreendido por não o ter visto na Escola de Medicina, mas compreendeu-o logo pelo seu rubor fácil e pelo sotaque andino: era talvez um recém-chegado à cidade. Disse: «Não lhe faltará por aqui algum louco de amor que lhe ofereça essa oportunidade um dia destes.» E só quando o disse se deu conta de que, entre os incontáveis suicídios que recordava, aquele era o primeiro com cianeto que não tinha sido causado por um infortúnio de amor. Algo se alterou então nos hábitos da sua voz.

— Quando o encontrar, repare bem — disse ao estagiário —, costumam ter areia no coração.

Depois falou com o comissário como se o fizesse com um subalterno. Ordenou-lhe que procedesse a todas as diligências para que o enterro se

O AMOR EM TEMPOS DE CÓLERA
Gabriel García Márquez

realizasse nessa mesma tarde e dentro do maior sigilo. Disse: «Falarei depois com o alcaide.» Sabia que Jeremiah de Saint-Amour era de uma austeridade primitiva e que ganhava com a sua arte muito mais do que precisava para viver, de modo que em alguma das gavetas da casa devia haver dinheiro de sobra para as despesas do enterro.

— Mas se não o encontrarem, não faz mal — disse. — Eu encarrego-me de tudo.

Mandou dizer aos jornais que o fotógrafo tinha morrido de morte natural ainda que pensasse que a notícia não lhes interessava de modo algum. Disse: «Se for necessário, falarei com o governador.» O comissário, um empregado sério e humilde, sabia que o rigor cívico do professor exasperava até os seus amigos mais íntimos, e estava surpreendido com a facilidade com que saltava por cima dos trâmites legais para apressar o enterro. A única coisa a que não acedeu foi em falar com o arcebispo para que Jeremiah de Saint-Amour fosse sepultado em terra sagrada. O comissário, mortificado com a sua própria impertinência, tentou desculpar-se:

— Estava convencido de que este homem era um santo — disse.

— Era algo ainda mais raro — respondeu-lhe o doutor Urbino. — Um santo ateu. Mas isso são assuntos de Deus.

Remotamente, do outro lado da cidade colonial, fizeram-se ouvir os sinos da catedral chamando para a missa. O doutor Urbino pôs os óculos de meia-lua com aros de ouro, consultou o relógiozinho de corrente, que era quadrado e fino, e cuja tampa se abria por uma mola: estava quase a perder a missa de Pentecostes.

Na sala havia uma enorme máquina fotográfica como as dos jardins públicos e o quadro de um crepúsculo marítimo pintado com tintas artesanais. As paredes estavam atapetadas por retratos de crianças nas suas datas memoráveis: a primeira comunhão, a fantasia de coelho, a festa de aniversário. O doutor Urbino tinha visto a paulatina cobertura das paredes, ano após ano, durante o concentrado matutar das tardes de xadrez, e muitas vezes pensara com um estremecimento de desolação que nessa galeria de retratos casuais se encontrava o germe da cidade futura, governada e pervertida por aquelas crianças duvidosas, e na qual já não restariam nem as cinzas da sua glória.

Na secretária, junto a um recipiente com vários cachimbos de lobo-domar, estava o tabuleiro de xadrez com uma partida por concluir. Apesar da sua pressa e do ânimo sombrio, o doutor Urbino não resistiu à tentação de estudá-la. Sabia que era a partida da noite anterior, pois Jeremiah de Saint-Amour jogava todas as tardes da semana e, pelo menos, com três adversários diferentes, mas chegava sempre ao fim e depois guardava o tabuleiro e as peças na sua caixa, e guardava a caixa numa das gavetas da secretária. Sabia que jogava com as brancas, mas era evidente que daquela vez ia ser derrotado sem apelo nem agravo em quatro jogadas. «Se tivesse sido um crime, aqui estaria uma boa pista», disse para consigo. «Só conheço um homem capaz de preparar esta armadilha de mestre.» Não teria podido viver sem averiguar mais tarde por que aquele soldado indómito, acostumado

O AMOR EM TEMPOS DE CÓLERA
Gabriel García Márquez

a bater-se até à última gota de sangue, tinha deixado por acabar a guerra final da sua vida.

Às seis da manhã, quando fazia a sua última ronda, o guarda-nocturno tinha visto o letreiro cravado na porta da rua: «Entre sem tocar e avise a Polícia.» Pouco depois chegou o comissário com o estagiário, e ambos tinham feito uma busca à casa, à procura de algum indício contra o odor inconfundível das amêndoas amargas. Mas nos breves minutos que demorou a análise da partida interrompida, o comissário descobriu, entre os papéis da secretária, um sobrescrito dirigido ao doutor Juvenal Urbino, protegido com tantos selos de lacre, que foi preciso fazê-lo em pedaços para tirar a carta. O médico afastou a cortina preta da janela para ter mais luz, deu primeiro uma vista de olhos rápida às onze folhas escritas dos dois lados com uma caligrafia esmerada e mal leu o primeiro parágrafo compreendeu que tinha perdido a comunhão de Pentecostes. Leu com a respiração agitada, voltando atrás em várias páginas para retomar o fio à meada e quando acabou parecia regressar de muito longe e de há muito tempo. O seu abatimento era visível apesar do esforço para o impedir: nos lábios tinha a mesma coloração azul do cadáver, e não pôde controlar a tremura dos dedos quando voltou a dobrar a carta e a guardá-la no bolso do colete. Então lembrou-se do comissário e do jovem médico, e dirigiu-lhes um sorriso que lhe assomava da bruma do seu abatimento.

— Nada de especial — disse. — São as suas últimas instruções.

Era uma meia verdade, mas eles julgaram-na completa porque os mandou levantar um ladrilho solto do chão e aí encontraram um caderno de contas muito usado onde se encontravam as chaves para abrir a caixa-forte. Não havia tanto dinheiro quanto pensavam, mas era mais do que o necessário para cobrir as despesas do enterro e outros compromissos menores. O doutor Urbino estava então consciente de que não conseguiria chegar à catedral antes do Evangelho.

— É a terceira vez que perco a missa de domingo desde que tenho o uso da razão — comentou. — Mas Deus compreende.

E, assim, preferiu demorar-se mais uns minutos para deixar esclarecidos todos os pormenores, ainda que mal pudesse suportar a ansiedade de partilhar com a sua mulher as confidências da carta. Comprometeu-se a avisar os numerosos refugiados das Caraíbas que viviam na cidade, para o caso de quererem prestar as últimas homenagens a quem se tinha comportado como o mais respeitável de todos eles, o mais activo e radical, mesmo depois de se ter tornado por de mais evidente que tinha sucumbido aos espinhos do desencanto. Também avisaria os seus comparsas de xadrez, entre os quais se contavam desde insígnies profissionais a operários anónimos e outros amigos menos assíduos, mas que talvez quisessem assistir ao enterro. Antes de conhecer a carta póstuma, tinha resolvido ser o primeiro, mas depois de a ler já não tinha a certeza de nada. De qualquer maneira mandaria uma coroa de gardénias, para o caso de Jeremiah de Saint-Amour ter tido um último minuto de arrependimento. O funeral seria às cinco, que era a hora adequada nos meses de mais calor. Se precisassem dele, estaria, a partir do meio-dia, na casa de campo do doutor

O AMOR EM TEMPOS DE CÓLERA

Gabriel García Márquez

Lácides Olivella, o seu discípulo amado, que celebrava, nesse dia, com um almoço de gala, as suas bodas de prata profissionais.

O doutor Juvenal Urbino tinha uma rotina fácil de seguir, desde que ficaram para trás os anos atribulados dos primeiros embates e que conseguiu uma respeitabilidade e um prestígio que, na província, não tinham igual. Levantava-se com os primeiros galos, e a essa hora começava a tomar os seus medicamentos secretos: brometo de potássio para lhe levantar o moral, salicilatos para as dores nos ossos em tempo de chuva, gotas de bagas de centeio para as tonturas, beladona para dormir bem. Estava sempre a tomar qualquer coisa, às escondidas, porque na sua longa vida de médico sempre foi contra receitar paliativos para a velhice: era-lhe mais fácil suportar as dores alheias do que as suas próprias. No bolso trazia sempre uma almofadinha de cânfora, que aspirava profundamente quando ninguém o estava a ver para se livrar do medo de tantos remédios misturados.

Estudava durante uma hora, preparando a aula de Clínica Geral, que deu na Escola de Medicina todos os dias, de segunda-feira a sábado, às oito em ponto, até à véspera da sua morte. Era também um leitor atento das novidades literárias, que o seu livreiro de Paris lhe mandava por correio, ou das que o livreiro local lhe mandava vir de Barcelona, ainda que não se mantivesse tanto ao corrente da literatura de língua castelhana como da francesa. Em qualquer dos casos, nunca as lia de manhã, mas sim depois da sesta, durante uma hora e, à noite, antes de adormecer. Terminado o estudo, fazia quinze minutos de exercícios respiratórios na casa de banho, em frente da janela aberta, respirando sempre para o lado donde cantavam os galos, que era donde vinha o ar fresco. A seguir, tomava banho, arranjava a barba e engomava o bigode com um soluto saturado de água-de-colónia, da legítima, de Farina Gegenüber, e vestia-se de linho branco, com colete e chapéu mole com polainas de pelica. Aos oitenta e um anos conservava os modos afáveis e o espírito prazenteiro de quando regressou de Paris, pouco depois da grande epidemia de cólera-morbo, e o cabelo bem penteado com o risco ao meio continuava a ser igual ao da juventude, excepto pela cor metálica. Tomava o pequeno-almoço em família, mas com uma dieta pessoal: uma infusão de flores de absíntio, para o bem-estar do estômago, e uma cabeça de alho, cujos dentes descascava e comia, um a um, mastigando-os conscienciosamente com pão caseiro, para evitar os apertos de coração. Raras eram as vezes em que, depois da aula, não tinha um compromisso relacionado com as suas iniciativas cívicas ou com as suas militâncias católicas, ou com as suas promoções artísticas e sociais.

Almoçava quase sempre em casa, dormia uma sesta de dez minutos, sentado na varanda do quintal, ouvindo, em sonhos, as cantigas das criadas sob a folhagem das mangueiras, escutando os pregões da rua, o fragor dos motores e o fedor dos óleos da baía, cujas emanções adejavam em volta da casa como um anjo condenado ao apodrecimento. Depois lia durante uma hora os livros recentes, especialmente novelas e estudos históricos, e dava lições de francês e de canto ao papagaio doméstico que desde há muitos anos era uma atracção local. As quatro ia visitar os seus doentes, depois de beber um grande jarro de limonada com gelo. Apesar da idade, resistia a receber os pacientes no consultório e continuava a atendê-los nas suas

O AMOR EM TEMPOS DE CÓLERA

Gabriel García Márquez

casas, como sempre o fez, desde que a cidade se tornara tão doméstica que se podia ir a pé a qualquer lado.

Quando chegou da Europa, pela primeira vez, andava no landó familiar com dois alazões dourados, mas inutilizando-se este, trocou-o por uma vitória de um só cavalo, e continuou sempre a usá-la com um certo desdém pela moda, quando já os coches começavam a desaparecer do mundo e os únicos que restavam na cidade só serviam para passear os turistas e transportar as coroas nos funerais. Ainda que se negasse a reformar-se, estava consciente de que só o chamavam para tratar de casos perdidos, mas ele considerava que também essa era uma forma de especialização. Era capaz de saber o que tinha um doente só pelo aspecto e cada vez desconfiava mais dos medica-mentos comerciais, assistindo alarmado à vulgarização da cirurgia. Dizia: «O bisturi é a maior prova do fracasso da medicina.» Pensava que, de um ponto de vista rigoroso, todo o medicamento era veneno e que setenta por cento dos alimentos vulgares apressavam a morte. «De qualquer modo», costumava comentar nas aulas, «a pouca medicina que se conhece só é do conhecimento de alguns médicos.» Dos seus entusiasmos juvenis tinha passado para uma posição que ele próprio definia como um humanismo fatalista: «Cada um é dono da sua própria morte, e a única coisa que podemos fazer, chegada a hora, é ajudá-lo a morrer sem medo e sem dor.» Mas, apesar destas ideias extremistas que já faziam parte do folclore médico local, os seus antigos alunos continuavam a consultá-lo mesmo depois de já serem profissionais estabelecidos, pois reconheciam-lhe isso a que então se chamava «olho clínico». De qualquer modo, foi sempre um médico caro e elitista: a sua clientela esteve sempre concentrada nas casas solarengas do Bairro dos Vice-Reis.

O seu quotidiano era tão metódico que a esposa sabia sempre onde lhe mandar um recado, se surgisse alguma urgência durante a tarde. Quando jovem, demorava-se no Café da Paróquia antes de voltar para casa e assim aperfeiçoou o seu xadrez com os cúmplices do sogro e com alguns refugiados das Caraíbas. Mas desde os alvares do novo século que não voltou ao Café da Paróquia e começou a organizar torneios nacionais patrocinados pelo Clube Social. Foi essa a altura em que veio Jeremiah de Saint-Amour, já com os joelhos mortos mas ainda sem o ofício de fotógrafo de crianças. Em menos de três meses já era conhecido de todos quantos soubessem mover um bispo num tabuleiro, porque ninguém tinha conseguido ganhar-lhe uma partida. Para o doutor Juvenal Urbino foi um encontro milagroso, numa época em que, para ele, o xadrez se tinha convertido numa paixão incontável e em que já não restavam muitos adversários para saciá-la.

Graças a ele, Jeremiah de Saint-Amour pôde ser o que foi entre nós. O doutor Urbino converteu-se em seu protector incondicional, no seu fiador para tudo, sem se dar sequer ao trabalho de averiguar quem era ou o que fazia, ou de que guerras sem glória chegava naquele estado de invalidez e desconcerto. Por fim, emprestou-lhe dinheiro para instalar o seu estúdio de fotógrafo, que Jeremiah de Saint-Amour lhe pagou com rigores de pobre

O AMOR EM TEMPOS DE CÓLERA
Gabriel García Márquez

soberbo até ao último tostão, a partir do momento em que fotografou a primeira criança assustada pelo relâmpago do magnésio.